

## **A FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL E SUA RELAÇÃO COM AS DINÂMICAS AFETIVAS**

**Victor Chirillo de Oliveira Stoian**  
orcid.org/0000-0001-5731-0091

Universidade Estadual Paulista (| FCT-UNESO)  
E-mail: victorstoian1@gmail.com

**DOI:** <https://doi.org/10.35416/geoatos.v5i12.6516>

### **Resumo**

Este artigo traz uma reflexão sobre processos envolvidos na produção contemporânea das cidades médias e a sua relação com a dinâmica afetiva dos sujeitos sociais autossegregados. Partindo de uma leitura de afeto baseada na obra do filósofo Baruch Spinoza, buscamos dialogar com outros autores que relacionam aspectos da vida subjetiva às práticas espaciais dos cidadãos. O artigo está dividido em quatro partes. Na primeira parte, “Introdução”, apresentamos o tema ao leitor. Na segunda parte, trazemos o conceito de segregação e fragmentação socioespacial e sua relação com o medo. Na terceira parte, avançamos sobre a compreensão do medo como um dos principais afetos da vida contemporânea, sua relação com a autossegregação, a dinâmica afetiva correspondente e com uma certa sujeição que se submetem esses sujeitos sociais. Posteriormente fazemos uma reflexão de como os processos urbanos acima mencionados tem contribuído para uma homogeneização de aspectos da vida urbana que vão além do conteúdo material das cidades. E, por fim, apresentamos as considerações finais.

**Palavras-chave:** Fragmentação Socioespacial; Afeto; Medo; Dinâmicas Afetivas.

## **SOCIOESPACIAL FRAGMENTATION AND ITS RELATIONSHIP WITH AFFECTIVE DYNAMICS**

### **Abstract**

This article brings a reflection about the processes involved in the contemporary production of medium-sized cities and their relationship with the affective dynamics of self-segregated social subjects. From a affection reading based on the work of the philosopher Benedictus Spinoza, we seek to dialogue with other authors who relate aspects of subjective life to the spatial practices of the population. The article is divided into four parts. The article is divided into four parts. In the first part, "Introduction", we present the topic to the reader. In the second part, we bring the concept of segregation and socio-spatial fragmentation and its relation with fear. In the third part, we advance on the understanding of fear as one of the main affects of contemporary life, its relationship with self-segregation, the corresponding affective dynamics and with a certain subjection that are subject to those social subjects. Later, we reflect on how the urban processes mentioned above have contributed to a homogenization of aspects of urban life that go beyond the material content of cities. And, finally, we present the final considerations

**Key words:** Socioespacial Fragmentation; Affections; Fear; Affective Dynamics.

## **LA FRAGMENTACIÓN SOCIOESPACIAL Y SU RELACIÓN CON LAS DINÁMICAS AFECTIVAS**

### **Resumen**

Este artículo trae una reflexión sobre procesos involucrados en la producción contemporánea de las ciudades medias y su relación con la dinámica afectiva de los sujetos sociales autosegregados. A partir de una lectura de afecto basada en la obra del filósofo Benedictus Spinoza, buscamos dialogar con otros autores que relacionan aspectos de la vida subjetiva a las prácticas espaciales de los habitantes. El artículo está dividido en cuatro partes. En la primera parte, "Introducción", presentamos el tema al lector. En la segunda parte, traemos el concepto de segregación y fragmentación socioespacial y su relación con el miedo. En la tercera parte, avanzamos sobre la comprensión del miedo como uno de los principales afectos de la vida contemporánea, su relación con la autosegregación, la dinámica afectiva correspondiente y con una cierta sujeción que se someten a esos sujetos sociales. Posteriormente hacemos una reflexión de como los procesos urbanos arriba mencionados han contribuido a una homogeneización de aspectos de la vida urbana que van más allá del contenido material de las ciudades. Y, por último, presentamos las consideraciones finales.

**Palabras-clave:** Fragmentación Socioespacial; Afecto; Miedo; Dinámicas Afectivas.

### **Introdução**

Na última década autores como Sposito (2011), Sposito e Goes (2013) e Dal Pozzo (2015) têm apontado para a presença do processo de fragmentação socioespacial em cidades médias paulistas. Como fundamento da interpretação de tal processo, encontra-se a articulação entre ações de autoenclausuramento de amplos segmentos sociais em espaços residenciais fechados e a segmentação dos espaços de consumo de uma parcela da população de renda mais elevada, tendo como principais motivações o medo de uma possível ameaça de violência e a crença na incapacidade do Estado na resolução desse problema, transferindo tal incumbência para a indústria privada da segurança.

Essa dinâmica de organização espacial conduz para uma modificação dos afetos correspondentes ao espaço urbano. Além do próprio medo, há uma tendência de desenvolvimento de uma maior homogeneidade afetiva, seja pelas práticas espaciais, agora com uma forte clivagem de classe, como também da materialidade ou morfologia urbana.

Essas homogeneizações podem contribuir para uma retroalimentação do medo, afinal, agora o desconhecido é todo o resto da cidade. E os encontros, choque e interações

para modificação desses afetos passam a ser amortecidos pelos sistemas de controles e segurança presentes em determinadas áreas de autosegregação.

### **O medo, a segregação e a fragmentação socioespacial**

A partir da década de 1980, seguindo uma tendência de outras cidades pelo mundo, se desenvolve em São Paulo um novo padrão de segregação socioespacial. Tendo como justificativa o medo de uma possível ameaça de violência, as camadas de renda mais elevadas optam por sair de bairros mais tradicionais em direção a um novo tipo de empreendimento imobiliário, aos “enclaves fortificados” (CALDEIRA, 2003). Segregação, que segundo Lefebvre (2002), diferentemente da diferenciação, deve implicar algum grau de ruptura entre os espaços de moradia de diferentes segmentos sociais, enquanto Castells (1978), tal processo aponta para homogeneidade interna dessas áreas de moradia.

Quem diz “diferença”, diz relações, portanto, proximidade-relações percebidas e concebidas, portanto, inserção numa ordem espaço-temporal dupla: próxima e distante. A separação e a segregação rompem a relação. Constituem, por si sós, uma ordem totalitária, que tem por objetivo estratégico quebrar a totalidade concreta, espedaçar o espaço urbano. A segregação complica e destrói a complexidade (LEFEBVRE, 2002, p. 124).

La segregación se refiere al proceso mediante el cual el espacio se hace homogéneo dentro de una unidad y se diferencia fuertemente respecto a unidades exteriores, generalmente según la distancia social derivada del sistema de estratificación (CASTELLS, 1978, p. 146).

Sposito e Goes (2013) conceituam esse processo como autosegregação, segundo o qual uma parcela da população que possui poder econômico para escolher o seu local de moradia, opta pelos espaços residenciais fechados.

Segregação e autosegregação seriam, dessa forma, facetas de um mesmo processo, uma vez que a distinção entre as duas proposições conceituais está no ponto de vista a partir do qual a separação se estabelece. No caso da segregação, é a maioria (no sentido político, econômico, cultural e religioso) que decide pela separação total ou relativa da minoria, submetida a essa condição por razões de diferentes ordens e, no caso das cidades latino americanas, sobretudo pela situação socioeconômica. No que se refere à autosegregação, é o grupo com melhores condições (brancos na África do Sul, mais ricos na América Latina etc.) que opta pelo isolamento em relação ao conjunto da cidade que, para eles, é o espaço dos outros e, portanto, não mais de todos. (SPOSITO; GOES, 2013, p.281).

Seguindo uma tendência das regiões metropolitanas, os espaços residenciais fechados passam a ser ofertado em diversas cidades do interior paulista, entre elas Presidente Prudente. Em seu anel periférico, muitos empreendimentos desse tipo passam a ser implantados próximos de áreas residenciais ocupadas por populações com menor nível de renda, o que confere maior complexidade a esses espaços, inclusive, problematizando as relações centro - periferia. Porém, tal proximidade não significa uma atenuação entre a separação desses cidadãos de diferentes extratos socioeconômicos, pois a presença de altos muros e todo aparato destinado à segurança, como cerca elétrica, concertina, câmeras de segurança, portaria 24 horas com controle de entrada e saída, etc., são os elementos imprescindíveis à sensação de segurança e ferramenta de marketing na valorização desse tipo de empreendimento em relação aos loteamentos abertos (DAL POZZO,2015).

[...] a ideia de segurança é um valor central que tem sido agregado ao produto imobiliário colocado ao dispor do mercado. Não importam o tamanho da cidade ou, os níveis de criminalidade efetivamente nela existentes, o discurso sobre a segurança é marcante na produção desses espaços. (SPOSITO; GOES, 2013, p.287).

A partir da implantação dos shoppings centers, essa tendência de separação entre as classes passa a moldar também a dinâmica do consumo. Enquanto as classes de maior nível de renda passam a utilizar os *shopping centers* e alguns eixos viários como principais espaços de consumo, o centro tradicional continua atendendo aos segmentos com menor nível de renda. Essa nova dinâmica no consumo aponta para uma tendência à fragmentação socioespacial, implicando mais que uma simples intensificação dos processos de diferenciação e segregação socioespacial, mas também, uma segmentação por classes no que diz respeito às práticas espaciais dos cidadãos, entre elas, principalmente, o consumo, mas também, o lazer.

A fragmentação socioespacial pode ser verificada, segundo Sposito e Goes (2013), a partir de 3 principais características presentes na cidade de Presidente Prudente: a primeira é uma redefinição dos papéis da área central, que perde parte de sua relevância como centro de consumo para determinadas classes sociais, fenômeno particularmente vinculado ao aparecimento dos *shopping centers*; a segunda é o aparecimento e crescimento dos espaços residências fechados; a terceira é complexificação do anel periférico da cidade, anteriormente destinados às classes mais baixas, passa também a abrigar os loteamentos fechados destinados às classes mais altas (SPOSITO;GOES, 2013).

podemos afirmar que a fragmentação socioespacial pôde ser vista em processo de constituição nas cidades estudadas (Marília, P. Prudente e São Carlos), tanto do ponto de vista material, como em suas dimensões mais subjetivas e simbólicas, por meio das práticas espaciais e dos valores que realizam, revelam e conduzem a vida urbana. (SPOSITO; GOES, 2013, p.300).

Caldeira (2003) apontou a sensação de medo como um dos elementos centrais para a justificativa de mudança dos segmentos de maior nível de renda para “enclaves fortificados” nas metrópoles, enquanto Sposito e Goes (2013) identificaram o mesmo movimento em cidades médias como São Carlos, Marília e Presidente Prudente. Porém, ambas afirmam que o medo está mais ligado à percepção dos moradores que aos índices de criminalidade dessas cidades, ressaltando o papel da comunicação de massas e da “indústria da segurança” na ampliação desse processo.

Para Caldeira (2003), os elementos que constituem a paisagem urbana são primordiais na compreensão do processo de autosegregação. Ela associa o “autoenclausuramento” das camadas de maior nível de renda nos “enclaves fortificados” a uma mudança do conteúdo paisagístico em determinados espaços da cidade de São Paulo, gerada a partir de uma alteração da relação entre a residência e a rua, ou seja, entre o espaço privado e o público. Nessa mudança se estabelece uma “estética da segurança” que, além do papel de proteção contra possíveis ameaças à segurança dos moradores, acaba por se transformar em elemento de distinção social e status.

Muros, cercas e barras falam sobre gostos, estilo e distinção, mas suas intenções estéticas não podem desviar nossa atenção de sua mensagem principal de medo, suspeita e segregação. Esses elementos, junto com a valorização do isolamento e do enclausuramento e com as novas práticas de classificação e exclusão, estão criando uma cidade na qual a separação vem para o primeiro plano e a qualidade do espaço público e dos encontros sociais que são neles possíveis já mudou consideravelmente. (CALDEIRA, 2003, p.297).

No trecho acima, Caldeira (2003) demonstra como a nova maneira de morar na metrópole paulista, em que prevalece uma morfologia urbana marcada pelo medo, pode impactar no recuo da cidadania e, em última instância, no recuo do ideal democrático de sociedade, pois esse depende da condição de que se reconheça como concidadãos os diferentes grupos sociais, ou seja, a alteridade e o reconhecimento do outro, é aspecto fundamental da cidadania. A diferença passa a ser vista como algo perigoso, que deve ser excluído ou segregado (BANNISTER; FYFE, 2001).

No entanto, cidades segregadas por muros e enclaves alimentam o sentimento de que grupos diferentes pertencem a universos separados e tem reivindicações irreconciliáveis. Cidades de muros não fortalecem a cidadania, mas contribuem para sua corrosão. Além disso, esse efeito não depende diretamente nem do tipo de regime político nem das intenções daqueles no poder, já que o desenho dos enclaves e muros traz em si mesmo uma certa lógica social. (CALDEIRA, 2003, p.340).

Diante disso, cabe ressaltar, que a produção da materialidade urbana tem se caracterizado por um mosaico de diferentes áreas com forte homogeneidade interna. Portanto podemos evidenciar o fato de que a fragmentação socioespacial se apresenta com uma homogeneização da materialidade urbana como já debatemos em trabalhos anteriores em Stoian (2017) e Stoian (2019). Tal característica será importante no desenvolvimento de nossos argumentos na terceira parte desse artigo.

### **Afeto, medo e sujeição**

O conjunto de autores citados demonstram como a produção do espaço urbano nas últimas décadas, marcada pela segmentação socioespacial, está imbricada com o medo, e como resultante, tem-se a redução do encontro com a alteridade, assim como uma tendência de redução da cidadania. Portanto, ainda que o conflito entre agentes econômicos e sociais, entre as políticas públicas e estratégias privadas sejam componentes fundamentais para a compreensão do fato urbano, não se pode desconsiderar que as práticas espaciais dos cidadãos têm um componente subjetivo, inclusive para auxiliar na melhor compreensão das estratégias dos agentes privados.

É preciso destacar que a crítica social tem se caracterizado por um déficit em relação às questões ligadas a afetividade (SAFATLE, 2016), desse modo, a ação política e por consequência a criação das políticas públicas têm se baseado quase que exclusivamente na tentativa de convencimento racional dos agentes sociais, pautada na suposta autonomia decisória do indivíduo.

Compreendemos “afeto”, a partir da obra de Spinoza (2009), como efeito ou afecção. Este é produzido a partir de qualquer relação entre corpos. Um corpo pode ser material ou imaterial, parte de uma natureza absoluta que o autor entende por ser o próprio Deus. Sendo todo corpo existente uma extensão de Dele.

O déficit das relações de afecção na crítica social apontado por Safatle (2016) é também reconhecido por Thrift (2004), ao ressaltar a forte presença do afeto como elemento fundamental das cidades. Para o autor há três motivos em que essa negligência pode ser considerada um “crime”. A primeira se deve ao fato de que o afeto está presente na atmosfera urbana, tornando-se parte de um ciclo de reflexos. A segunda é que os conhecimentos ligados à afetividade estão sendo utilizados consciente e politicamente. E, por fim, porque os afetos são parte de como as cidades são entendidas e transformadas (THRIFT, 2004). Ele nos alerta para uma compreensão de uma microbiopolítica em que os afetos têm sido utilizados para a política de modo específico.

But what is being ushered in now is a microbiopolitics, a new domain carved out of the halfsecond delay which has become visible and so available to be worked upon through a whole series of new entities and institutions. This domain was already implicitly political, most especially through the mechanics of the various body positions which are a part of its multiple abilities to anticipate. Now it has become explicitly political through practices and techniques which are aimed at it specifically (THRIFT, 2004, p.67).

Nos distanciamos dessas críticas dialogando com autores de outros campos do conhecimento, entre eles Dunker (2015), que discute a relação entre a subjetividade dos cidadãos e os espaços residenciais fechados, utilizando esses espaços como uma metáfora para compreender uma sociedade que executa uma excessiva contratualização em busca de um ideal de felicidade. O agente político que controla a felicidade é o “síndico do condomínio”, ou seja, a felicidade passa a ser idealizada através de um conjunto de regras em um “espaço de excepcionalidade, erigido como defesa à barbárie exterior” (DUNKER, 2015, p.3).

A lógica do condomínio, elevada à dignidade de razão política indubitável e forma de vida universal, baseia-se, tanto em sua face liberal quanto em sua face disciplinar na administração do descontentamento. Ela funciona pela indução de uma espécie de descrença calculada das formas de racionalização da vida. Se a felicidade tornou-se um fato político depois de Napoleão, podemos dizer que o descontentamento tornou-se o mote de uma época que não mais aspira sacrifícios em nome de um futuro comum, apenas conforto. Uma época em que o agente do ato político torna-se realmente um síndico. (DUNKER, 2015, p.7).

Em duas das hipóteses colocadas por Bannister e Fyfe (2001), a explicação do medo na cidade pode dialogar com a reflexão de Dunker (2015). A primeira ao apontar o medo



como uma falta de controle de garantia de proteção do indivíduo seja por ele próprio ou por terceiros. E uma segunda em que o medo estaria conectado às características físicas e sociais do espaço urbano, ou seja, os espaços com menor familiaridade estariam mais propensos a gerar medo naqueles indivíduos. Em ambos os casos o controle do “síndico do condomínio” serviria para atenuar esses descontroles e o afastamento com o desconhecido. Para os autores,

Today, the politics of fear are played out in the urban landscape in perhaps less overt but no less sign cant ways. City streets, those sites and symbols of democratic protest and politics, continue to be a source of anxiety to those in authority fearful of challenges to the social order (BANNISTER E FYFE, 2001, p.811).

O medo que resulta nos efeitos acima mencionados é compreendido por Safatle (2016) como um dos afetos centrais da vida contemporânea, juntamente ao desamparo e a esperança. Para o autor as ações do homem são impulsionadas não pela racionalidade, mas pela reação às afecções. Para ele "há uma adesão social construída através das afecções", portanto, um "circuito de afetos" que é pano de fundo das ações do homem, de sua organização e "fundamento dos vínculos sociais". O Estado que deveria ser garantidor da segurança e mediador de conflito, coloca-se como um gestor da insegurança social (SAFATLE, 2016, p.14-18).

Se não é a adesão tácita a sistemas de normas que produz a coesão social, então devemos nos voltar aos circuitos de afetos que desempenham concretamente esse papel. Eles nos permitirão compreender tanto a natureza de comportamentos sociais quanto a incidência de regressões políticas, desvelando também como normatividades sociais fundamentam-se em fantasias capazes de reatualizar continuamente os mesmos afetos em situações materialmente distintas umas das outras. (SAFATLE, 2016, p. 16).

Os "circuitos de afetos", que permeiam a sociedade, impactam diretamente na construção do indivíduo e encerram a ideia de que estes são sujeitos autônomos em relação às próprias escolhas (SAFATLE, 2016). Neste sentido, somos colonizados por forças que utilizam esses afetos como forma de nos empurrar para os espaços residenciais fechados, como um tipo de servidão voluntária, em que um conjunto de regras condominiais se impõe como forma de assegurar a ideia de felicidade (MEJÍA, 2015).

A esperança e medo, segundo Spinoza, são amarras que nos prendem à uma compreensão do mundo de maneira inadequada, confusa e imprecisa (CHAUÍ, 1995). A



esperança e o medo são afetos que possuem a mesma base fundamental, pois estão no campo da projeção de um futuro imaginado, mas enquanto o medo é gerado por uma ameaça futura que comprometeria a segurança, a esperança é uma projeção futura de melhoria. Neste sentido, a esperança não colabora para a superação do estado de medo permanente (SAFATLE, 2016). “Eis por que a casta religiosa, visando manter o domínio sobre a alma supersticiosa, precisa estabilizar nossos medos e esperanças e impedir que mudem ou flutuem” (CHAUI, 1995, p.35)

Para que possa haver uma diminuição do medo como afeto é necessário o desenvolvimento de afetos que estejam fora de uma projeção futura, ou seja, afetos que colaborem para uma percepção ampliada do agora - o momento exato em que a vida acontece, afastando a necessidade das idealizações (SAFATLE, 2016). Portanto, é necessária uma abertura para a possibilidade de novos afetos e, por consequência, o afastamento de uma ordem conhecida garantida pelo “síndico do condomínio”. Ou seja, a possibilidade de ser afetado pelo desconhecido depende de um distanciamento do excessivo regramento.

Para Spinoza, a libertação desses dois afetos só poderia ocorrer a partir de um aprofundamento da racionalidade, desse modo se libertar das causas reais do medo e da esperança, pois ambos são frutos do desconhecido (CHAUI, 1995). Portanto, a conexão com novos afetos e o conhecimento produzido pelo intelecto faria o sujeito alcançar a razão adequada colaborando para a superação da necessidade desse tipo servidão voluntária produzida com a autosegregação.

### **Homogeneidades sociais, materiais e afetivas**

Com os processos de segregação e fragmentação socioespacial a cidade tem se tornado um mosaico de áreas homogêneas internamente, com uma tendência de redução dos encontros entre sujeitos moradores dessas diferentes áreas. Essa homogeneidade ocorre tanto em seu conteúdo social como em parte da morfologia urbana, mais precisamente, nos elementos materiais que são os formadores das paisagens urbanas (STOIAN, 2019).

A paisagem urbana é a via pela qual o cidadão cria seus referenciais do que conhece como cidade. Em uma realidade paisagística de cidade segregada, essa compreensão do todo urbano fica cada vez mais comprometida. (STOIAN, 2019, p.14).

Ao mesmo tempo essa homogeneidade torna-se também restritiva de novos afetos correspondentes ao encontro entre os diferentes sujeitos sociais, e destes com as diferentes morfologias urbanas. Bannister e Fyfe (2001), ressaltam a importância de se preservar espaços da cidade em que possam haver encontros entre diferentes classes, raças, idades, religiões e culturas. Tal elemento é fundamental na formação da atividade crítica de discussão das instituições que mediam as organizações sociais. Os encontros são necessários para reduzir a desconfiança do diferente. Desse modo, todo o aparato de segurança pode contribuir para aumentar a sensação de segurança, mas também acabam gerando uma certa paranoia entre aqueles que vivem sob essa arquitetura defensiva (ELLIN, 1996, p. 153 apud BANNISTER E FYFE, 2001, p. 81).

Nossos argumentos dialogam com os de Caiafa (2002), que afirma ser nos espaços das grandes cidades que se tem uma oportunidade, e por vezes uma imposição, à possibilidade de ser afetado por estranhos. A autora ainda defende que é a partir de "colisões" com outrem que se constrói as diferenciações que possibilitam a comunicação, sendo outrem todos elementos que produzem efeitos de constituição de uma alteridade no próprio sujeito afetado.

A experiência com a variedade de estímulos nas ruas, com esses desconhecidos que cruzam nosso caminho - e com quem uma comunicação em alguns casos pode se estabelecer - modeliza afetos, perceptos, produz enfim, subjetividade. Para admitir os processos urbanos como componentes subjetivos é preciso conceber uma subjetividade fora do sujeito, em constante atualização e processualidade, à mercê de componentes heterogêneos (CAIAFA, 2002 p. 93-94).

Caiafa (2002) também destaca que estamos sujeitos a riscos e violências nas cidades, mas que a experiência com o diverso é uma possibilidade para a construção de novas identidades. Esta construção pode ser a chave para uma utilização do espaço urbano em que o medo se torna secundário na experimentação do aqui e agora.

### **Considerações finais**

Podemos compreender, a partir das reflexões colocadas neste trabalho, que a segregação e fragmentação socioespacial podem ter diferentes implicações na vida urbana, desde uma redução na diversidade da morfologia urbana, passando pela diminuição na

integração entre diferentes sujeitos sociais, como uma retroalimentação do medo que justificaria a geração desses processos anteriormente descritos.

Portanto, diante de uma cidade cada vez mais fragmentada, em que as práticas espaciais se dão orientadas pelo medo e pela fuga daquilo que é diferente, torna-se necessário a ampliação de espaços que possam produzir novos afetos, a partir da integração de diferentes sujeitos sociais e o contato com maior amplitude de diferentes materialidades formadoras do espaço urbano.

A partir da compreensão desses novos afetos pelas mediações intelectuais, pode ser possível a ampliação das práticas espaciais que busquem a heterogeneidade e por consequência a elaboração de novos “circuitos de afetos”. E, por fim, a construção de novas possibilidades de identidade nos encontros com outrem.

## Referências

- BANNISTER, J.; FYFE, N. Introduction: Fear and the City. **Urban Studies**, Vol. 38, nº 5–6, 807–813, 2001.
- CAIAFA, J. Comunicação e diferença nas cidades. **Lugar Comum**. Estudos de Mídia Cultura e democracia, n.18, p.91-102, nov. 2002 / jun.2003.
- CALDEIRA, T. P. R. **Cidade De Muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. 2ª Ed. São Paulo: Ed34/EDUSP, 2003.
- CASTELLS, M. **La cuestión urbana**. México: Siglo XXI, 1978.
- CHAUI, M. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. Companhia das Letras, São Paulo, 2011.
- DAL POZZO, C. F. **Fragmentação socioespacial em cidades médias paulistas: os territórios do consumo segmentado de Ribeirão Preto e Presidente Prudente**. Presidente Prudente, 2015. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente.
- DUNKER, C. A Lógica do Condomínio ou: o Síndico e seus Descontentes. **Revista Leitura Flutuante**, V.1, São Paulo, 2015.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991. Trad. Rubens Eduardo Frias.
- MEJÍA, R. E. El miedo devora las almas: Subjetivación y “Comunidades” (Auto)confinadas en Brasil. Em: **IV Congreso Latinoamericano de Antropología**

'Lasantropologíaslatinoamericanas frente a un mundo entransición', Cidade do México, 2015.

SAFATLE, V. **Circuito dos Afetos:** Corpos políticos, Desamparo e o fim do Indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SPINOZA, B. **Ética.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SPOSITO, M. E. B. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: VASCONCELOS, Pedro de A.; CORRÊA, Roberto L.; PINTAUDI, Silvana M. **A cidade contemporânea:** segregação socioespacial. São Paulo: Contexto, 2013.

SPOSITO, M. E. B.; GÓES, E. M **Espaços fechados e cidades:** insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

STOIAN V. **Conectando Fragmentos:** da fragmentação socioespacial à intervenção urbanística em Presidente Prudente –sp. Presidente Prudente, 2017. Trabalho Final de Graduação (em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente.

STOIAN, V. Diferenças e Homogeneidades no conteúdo da paisagem urbana de Presidente Prudente. Em: **XVIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano (Enampur)**, Natal, 2019.

THRIFT, N. Intensities of feeling. **Geografiska Annaler**, p.57–78, 2004.

**Sobre o autor** – Informações prestadas pelo autor

**Victor Chirillo de Oliveira Stoian**

Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Presidente Prudente. Graduação em Administração - Instituição Toledo de Ensino (2010). Entre 2014 e 2016 participou da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe), e do Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR), onde desenvolveu Iniciação Científica, com financiamento da FAPESP, na área da Produção do Espaço Urbano.

**Como citar esse artigo**

STOIAN, Victor Chirillo de Oliveira. A fragmentação socioespacial e sua relação com as dinâmicas afetivas. In: **Revista Geografia em Atos (GeoAtos online)** - Afetos e emoções: abordagens teórico-metodológicas na análise do Espaço Geográfico - v. 05, n. 12, p.99-110, jul, 2019. DOI: <https://doi.org/10.35416/geoatos.v5i12.6516>

Recebido em: 2019-05-15

Aceito em: 2019-07-04